

capa

EM PEÇAS DE TEATRO AUTOBIOGRÁFICAS, ARTISTAS ENCENAM O CÂNCER E ENFRENTAM TABUS ASSOCIADOS À DOENÇA

Imagem gerada por IA



Applausos

O catarinense Daniel Pereira sentiu uma dor no peito, seguida de saudade repentina da mãe, enquanto ensaiava uma peça no Rio de Janeiro, para onde se mudara em 2011. A sensação era angustiante. Numa chamada de vídeo com a matriarca, ela afirmou, com hesitação, que estava tudo bem em Itajaí (SC), e disse ao filho que ficasse tranquilo. Mas o rapaz não sossegou. Com uma “in-

tuição inexplicável”, o ator pediu demissão, deixou a trupe às vésperas da estreia e zarpou ao encontro da família. Veio, então, a notícia: Vilcemia, ou Dona Vivi, como era carinhosamente chamada, havia sido diagnosticada com câncer de mama e não sabia bem como revelar o fato aos filhos. Dali em diante, a vida de Daniel virou do avesso. Caçula de três irmãos, ele abandonou todos os compromissos para



Bruno Guedes

se dedicar ao cuidado da mãe, em tempo integral, por oito anos, até a morte dela. “Nossa ligação era muito forte. Havia uma conexão verdadeira entre nós. Éramos grudados”, emociona-se.

Pouco mais de uma década depois, a história ganhou os palcos. Idealizado e estrelado por Daniel, o monólogo *Ao soar dos sinos* recompôs a trajetória dolorosa do ator ao lado da mãe, num relato poético sobre “amparo, presença e transformação”, como ele define. A bem-sucedida montagem, apresentada em 2023 em solo carioca e que em breve chegará às telonas (*saiba mais no box*), descontina uma tendência crescente nos tablados do Brasil: cada vez mais, dramaturgos, diretores e atores exibem as próprias feridas, sem pudores, a fim de converter em arte as vivências relacionadas ao câncer – e com o detalhe de não embalar a palavra com eufemismos. Todos pronunciam o termo de maneira bem clara diante do público. Está aí uma novidade.

“Sinto que havia quase uma proibição sobre o tema em espaços como teatros. Era como se a doença não existisse. Mas ela é uma das que mais matam no País [em 2021, foram registradas 231.694 mortes por câncer, segundo o Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde]. Por que não abrir esse leque?”, reforça Daniel. Ele pondera que não foi fácil esmiuçar uma ferida pessoal a fim de escrever uma dramaturgia. Para acompanhar a mãe durante todo o processo, o ator, hoje com 33 anos, abriu mão da própria carreira por quase uma década. Na rotina em meio a sessões de quimio e de radioterapia numa instituição filantrópica

“Lembro de ouvi-la [a mãe] dizer: ‘Tu vais segurar a minha mão?’ E eu respondi: ‘O tempo todo’. Acho que ela sabia que precisava partir, mas não queria me deixar”

DANIEL PEREIRA, ator

em Itajaí, viveu altos e baixos. Pouco mais de um ano após aplaudir Dona Vivi enquanto ela badalava um sino, com empolgação, no centro oncológico – gesto simbólico que por vezes marca o fim do tratamento –, Daniel recebeu a notícia de que o tumor havia reaparecido, o que exigiu a retirada da mama esquerda.

No ano seguinte, outro baque: o câncer havia se espalhado para fígado, pulmão, ossos e cérebro. Em 2020, aos 58 anos, Dona Vivi não resistiu às metástases. “Lembro de ouvi-la dizer: ‘Tu vais segurar a minha mão?’ E eu respondi: ‘O tempo todo’. Acho que ela sabia que precisava partir, mas não queria me deixar”, relata.



ÚLTIMO ATO

A difícil cena de despedida – em que os dois não soltam as mãos um do outro na Unidade de Terapia Intensiva – condensa, a rigor, o principal assunto de *Ao soar dos sinos*.

“Enquanto acompanhei minha mãe nesse processo, vi muitos filhos e maridos abandonarem suas mães e esposas. Conheci pessoas, sobretudo mulheres, que não tinham ninguém para ampará-las. E aí comecei a ver a necessidade de falar disso, como um alerta”, destaca Daniel.

No tablado praticamente vazio, ele esmiúça todos os percalços que acabaram fortalecendo a relação com Dona Vivi. Não à toa, Daniel define o amor como principal tema da montagem, que tem texto de João Luiz Vieira e direção de Bruno de Oliveira. “Para aqueles que acompanham o dia a dia dos pacientes, o câncer também é muito sofrido, e pouco se fala disso. Lembro-me de ouvir familiares dizerem que eu estava definhando e morrendo também. De fato, fiquei muito debilitado, já que não comia direito e mal dormia. No meio da rotina de cuidados, ainda tinha que trabalhar para pagar as contas”, lembra.

Apesar de contar uma história real, o ator só revela o teor biográfico da trama ao fim do espetáculo, quando reproduz um áudio da mãe. “A plateia se surpreende, e eu desejava justamente esse efeito, para que as pessoas não apenas sentissem o que passei, mas também se curassem das próprias dores. É aí que vêm choradeira e risadas, tudo ao mesmo tempo”, acrescenta. “Foi difícil reviver esses fatos. As imagens são fortes e ainda habitam a minha cabeça. Mas a peça foi importante para me reerguer. A cada sessão, eu me curava e entendia melhor o que tinha acontecido.”

SEM DIDATISMO

Atriz e professora de teatro, Claudia Toledo aborda, por outro viés, um tema semelhante. Em 2017, a acreana de 58 anos descobriu, numa ultrassonografia de rotina, um nódulo benigno no seio direito. Três anos depois, o “carocinho” evoluiu e se transformou numa lesão categoria BI-RADS 4 (com alta suspeita de malignidade). Foi um baita susto, como ela frisa, ao repassar o momento em que re-

cebeu a notícia. À época em que iniciou o tratamento em unidades do SUS, em Rio Branco (AC), a artista decidiu colocar no papel o turbilhão de dúvidas e questionamentos que ocupavam sua cabeça.

As reflexões abrangiam a finitude da vida e a importância de um olhar cuidadoso para o corpo. Nasceu ali, de maneira desprestensiosa, o espetáculo *Carcinoma*, criação em parceria com a companhia Visse & Versa, da qual Claudia é cofundadora. “Sou uma pessoa antes e outra depois da doença”, comenta ela, que, na semana em que se submeteu à última sessão de radioterapia, viu o pai morrer em decorrência de um tumor de próstata. “Naquele momento, já olhava para ele de um jeito diferente, devendo a tudo o que eu mesma vinha passando. Recordo que, pouco depois de sua morte, falei para uma amiga: ‘Agora já sei que vou morrer de câncer’. Mas não, não é bem assim! O diagnóstico não é uma

“Recordo que, pouco depois de sua morte [do pai], falei para uma amiga: ‘Agora já sei que vou morrer de câncer’. Mas não, não é bem assim! O diagnóstico não é uma sentença”

CLAUDIA TOLEDO, atriz

Acervo Cia Visse e Versa



sentença. Hoje, procuro mostrar isso para as pessoas", sublinha a atriz, que teve a remissão completa da doença após se submeter a uma quadrantectomia (cirurgia que retira a parte da mama afetada).

Claudia enxerga *Carcinoma* como um trampolim para a "abertura de conversas" acerca do tema. De 2022 para cá, foram mais de 50 apresentações em municípios no Norte do País. O espetáculo passou por teatros, escolas, hospitais, casas em zonas rurais e unidades de saúde, incluindo os dois centros do SUS em que a artista se tratou. "Não tenho a mínima pretensão de ser didática, sabe? Então, não faço palestra. Mas, ao levar essa peça para locais tão diferentes, alcanço pessoas que nunca entraram numa sala de teatro e passo a ouvir histórias parecidas com a minha", relata. "Hoje, digo para mim mesma que o teatro é a minha cura. A arte é a minha cura, e sigo nesse processo constante."

PEDAÇOS DE SUTIÃS

Sozinha no palco, diante de uma maca, Claudia surge com um traje criado a partir de pedaços de sutiãs que ela mesma usou antes e depois da cirurgia. A personagem – que se confunde com a figura da própria atriz – repassa, então, as etapas vencidas ao longo do tratamento, num "passeio entre o real e o imaginário". Ao pôr a lupa sobre o próprio umbigo, a artista lança luz para matérias de interesse coletivo, entre as quais a "necessidade de um atendimento mais humanizado" nos sistemas de saúde público e privado. Ela faz questão de abordar a temática com bom humor.

"Durante o tratamento, em vários momentos, sentia-me apenas um corpo. Percebi na pele, por diversas vezes, como o sistema de saúde nos desumaniza." Alguns exemplos são citados na peça: "Houve uma situação em que as enfermeiras me pediram para tirar a roupa e me enrolar num lençol, e eu tive que fazer isso numa salinha sem porta, tipo um depósito. Fiquei praticamente nua ali enquanto outros pacientes esperavam à minha frente e alguns profissionais do hospital bebiam café num espaço próximo. Na hora, me senti meio invadida, mas, ao mesmo tempo, entendi que aquilo devia ser normal."

Outras recordações servem de motivo para gargalhadas. "Nas conversas com pacientes, todas compartilhavam as próprias experiências, mantendo algum tipo de humor. Depois das sessões de quimioterapia, ouvi uma senhora que também tinha

"O que mais sobressai no espetáculo é a relação que estabeleço com o humor, sem diminuir a gravidade da situação. Meu desejo é falar de coisas sérias, de maneira profunda, mas sem ser leviana"

DORA DE ASSIS, atriz



Hugo Moura

perdido o cabelo me perguntar: 'E a sua 'periquita', está lisinha igual a bundinha de neném?' Não posso me esquecer desses instantes de leveza."

NEGLIGÊNCIA

Na opinião da jovem atriz carioca Dora de Assis, de 28 anos, humor e dor podem (e devem) re-

CÂNCER SAI DO ARMÁRIO E VAI PARA O CINEMA



Mariana Viana

A necessidade de dar algum sentido para os medos e as aflições decorrentes do diagnóstico de câncer levou a produtora de cinema Clélia Bessa a criar, em 2008, o blog Estou com câncer, e daí?. Após fazer uma mamografia – e descobrir a neoplasia na mama esquerda –, a carioca buscou livros e filmes sobre o assunto. As poucas obras que encontrou, no entanto, se referiam a títulos de autoajuda. No âmbito ficcional, não havia praticamente nada nas livrarias e videolocadoras.

“Quando temos câncer, passamos várias horas por dia pensando nele. É uma doença que traz muitos demônios, principalmente quando falamos em tumor de mama, que bate muito com o feminino, tanto do ponto de vista da sexualidade quanto da aparência física”, ressalta ela, que, à época, se surpreendeu com a repercussão dos textos publicados no blog. “Muita gente me procurou para relatar casos parecidos e pedir conselhos. Foi uma coisa louca! A partir disso, achei que tinha uma boa história nas mãos.”

Surgiu daí o roteiro de Câncer com ascendente em virgem, longa-metragem dirigido por Rosane Svartman e produzido por Clélia. A história protagonizada pela atriz Suzana Pires, e que também tem no elenco nomes como Marieta Severo, Fabiana Karla, Nathália Costa e Ângelo Paes Leme, é inspirada na trajetória da produtora. A trama acompanha os passos de uma professora de matemática que acredita ter tudo sob controle, antes de lidar com as vulnerabilidades geradas pelo tumor.

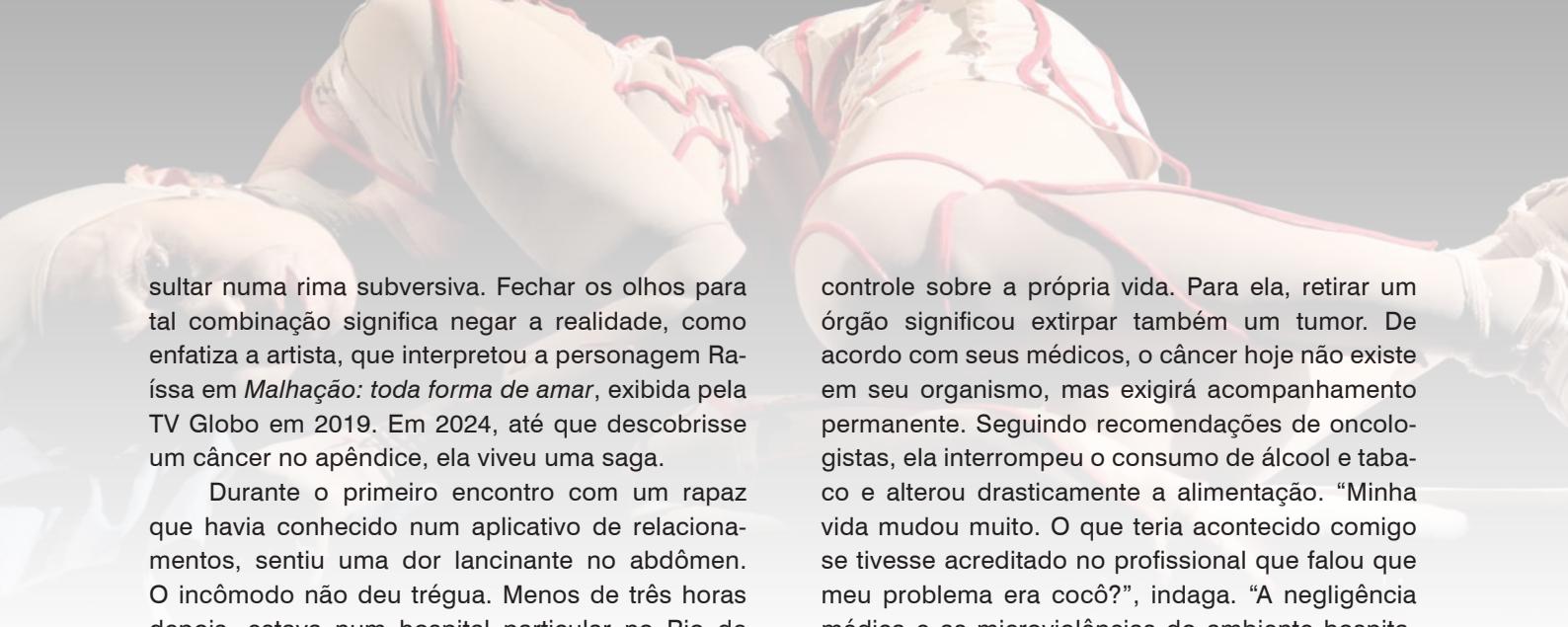
“A primeira reação após o diagnóstico, que vem carregado de fantasmas, foi pensar que ia morrer. Num primeiro momento, meu mundo caiu. Havia todo o peso que a própria palavra ‘câncer’ traz. Mas logo fui acolhida pela família e pelos médicos”, relembra a produtora, que passou por sessões de químio e radioterapia, retirou o seio esquerdo e hoje encontra-se em remissão completa. Algumas passagens da ficção recriam experiências reais, como o momento em que a personagem corta totalmente o cabelo – ela abre uma garrafa de vinho, reúne amigas e pede para que cada uma delas passe a tesoura sobre suas madeixas.

“Quis fazer do meu privilégio uma coisa mais coletiva. E criar o blog foi importante para a minha saúde mental e física. Isso fez com que não me perdesse ao longo do processo”, repassa. Com o filme, seu desejo era “tirar o câncer do armário”. “A ideia era trazer esse assunto para a sala de jantar e para as rodas de conversas, deixando as pessoas mais à vontade para ir em busca de suas curas”. Na opinião da produtora, não há nada mais “cinematográfico” do que o tema. “Todo mundo que passa pela doença sofre uma mudança. Ela desenha a finitude no corpo. Qualquer indivíduo que vive uma situação extrema volta ao mundo com transformações. E nada mais dramatúrgico do que essas jornadas”, justifica.

Daniel Pereira concorda. Após o sucesso com Ao soar dos sinos, ele resolveu adaptar o espetáculo para as telas. “Ouvi muita gente dizendo: ‘Nossa, essa peça dá um filme’. E aquilo começou a martelar na minha cabeça. Depois que superei uma depressão, veio uma fonte de energia em mim que não sei de onde surgiu, e aí comecei a querer contar mais essa história”, relembra.

Previsto para chegar aos cinemas no próximo ano, o longa será protagonizado por Marilha Galla, Larissa Maciel, Rodrigo Fagundes e Vini Rodrigues, entre outros. O foco da narrativa está nos dramas dos cuidadores. Quando o paciente não sobrevive ao câncer, essas pessoas precisam reencontrar sentido para a própria vida diante da perda.

Se em Câncer com ascendente em virgem a câmera acompanha o impacto da doença sobre quem recebe o diagnóstico, a proposta de Daniel é iluminar o outro lado dessa jornada – o silêncio, a exaustão e o recomeço de quem amou, cuidou e ficou. “Quero falar do luto, mas também da reconstrução e do que fazemos com esse amor que sobra”, resume. E mais. “Também quero me debruçar sobre a adoção, um tema muito importante para mim, que sou filho adotivo. No filme, falarei sobre esse elo e a ideia de que filho não é só o que nasce da mãe, mas o que é criado com amor. São histórias que não consegui explorar tanto na peça, mas que no filme serão desenvolvidas de forma mais ampla.”



sultar numa rima subversiva. Fechar os olhos para tal combinação significa negar a realidade, como enfatiza a artista, que interpretou a personagem Raíssa em *Malhação: toda forma de amar*, exibida pela TV Globo em 2019. Em 2024, até que descobrisse um câncer no apêndice, ela viveu uma saga.

Durante o primeiro encontro com um rapaz que havia conhecido num aplicativo de relacionamentos, sentiu uma dor lancinante no abdômen. O incômodo não deu trégua. Menos de três horas depois, estava num hospital particular no Rio de Janeiro, ouvindo de um médico que “seu problema era vontade de fazer cocô”. Dora tinha certeza, no entanto, de que existia algo fora do normal e não arredou os pés do local. Após a troca de plantonistas do pronto socorro, ela foi submetida, enfim, a uma tomografia, que constatou apêndicite. Semanas depois da cirurgia de retirada do órgão, uma biópsia revelou a existência de um tumor.

Os fatos são relatados no espetáculo *Na quinta dor*, que estreou este ano na capital fluminense. Trabalho de conclusão de curso da graduação em Artes Cênicas no Centro de Artes e Educação Célia Helena (SP), a montagem foi inicialmente gestada como reelaboração pessoal de um ano difícil, marcado por três internações e duas cirurgias. Começou com uma amigdalite, que se transformou num abscesso. Dois meses depois, sofreu um corte no pé e rompeu um ligamento. Na sequência, veio a apêndicite, seguida da descoberta do câncer.

No palco, ao expor a série de situações médicas com as quais lidou, Dora debate a falta de

“A primeira reação após o diagnóstico, que vem carregado de fantasmas, foi pensar que ia morrer. Num primeiro momento, meu mundo caiu”

CLÉLIA BESSA, produtora de cinema

controle sobre a própria vida. Para ela, retirar um órgão significou extirpar também um tumor. De acordo com seus médicos, o câncer hoje não existe em seu organismo, mas exigirá acompanhamento permanente. Seguindo recomendações de oncologistas, ela interrompeu o consumo de álcool e tabaco e alterou drasticamente a alimentação. “Minha vida mudou muito. O que teria acontecido comigo se tivesse acreditado no profissional que falou que meu problema era cocô?”, indaga. “A negligência médica e as microviolências do ambiente hospitalar, principalmente dos ligados a planos de saúde, são muito piores do que as doenças em si. E isso entra em pauta na peça: temos que dar atenção aos sinais do nosso corpo”, ressalta.

Com o auxílio de elementos reais, como áudios enviados por médicos e pelos pais, a montagem idealizada por Dora – que tem direção de Joana Dória e Lara Coutinho – traça um paralelo entre vida e arte, sugerindo que, muitas vezes, é no risco que se encontra um jeito único de ação ou expressão. Impossível fugir do imponderável, como a atriz indica. Para ela, tal certeza, porém, não deve ser motivo para deixar de lado o risco.

“O que mais sobressai no espetáculo é a relação que estabeleço com o humor, sem diminuir a gravidade da situação. Meu desejo é falar de coisas sérias, de maneira profunda, mas sem ser leviana”. A artista chama atenção para o papel terapêutico do espetáculo em sua própria trajetória com a doença. “Por ser uma paciente oncológica que não passou por processos de químio e radioterapia, entrei numa negação, no início. Às vezes me sinto como uma farsante e até me esqueço do câncer, sabe? Mas não posso fazer isso, porque se trata de uma doença que pode voltar. Então, tenho que estar o tempo inteiro atenta. E a peça me ajuda a lembrar! E me ajuda também a encarar a enfermidade de maneira muito melhor do que faria se o espetáculo não existisse. É muito bom saber que dá para emocionar e fazer rir ao mesmo tempo, e que uma coisa não está distante da outra.” ■

